

RESUMO

O ESTUDO DO MOVIMENTO NEGRO ATRAVÉS DA IMPRENSA NEGRA

Regina Pahim Pinto

O artigo discorre sobre a metodologia utilizada no estudo da imprensa negra, uma das fontes que serviram de base para entender o movimento negro na cidade de São Paulo.

Nesse sentido, descreve a maneira como foram coletados e organizados os dados, procurando destacar que, a despeito do peso do material empírico nos rumos da pesquisa, no direcionamento da análise, sempre se procurou manter um diálogo constante com as teorias sobre movimentos sociais e os estudos de movimentos sociais específicos.

O ESTUDO DO MOVIMENTO NEGRO ATRAVÉS DA IMPRENSA NEGRA*

Regina Pahim Pinto**

O estudo que empreendi a respeito do movimento negro em São Paulo com base na imprensa negra, como todo trabalho de pesquisa, não ocorreu linearmente, sofrendo transformações e reformulações, em função do contato com o material empírico e do aprofundamento teórico que fui adquirindo no decorrer da sua elaboração. Nesta comunicação, vou tentar explicitar alguns dos caminhos percorridos, detendo-me, particularmente, no processo de articulação que foi se configurando entre teoria e material empírico, e que possibilitou tanto a escolha do enfoque teórico que subsidiou a interpretação deste material, da metodologia de análise e das características de que esta se revestiu no momento da coleta e sistematização dos dados. Na parte final, discuto os embates teóricos e metodológicos com que me deparei na execução desse trabalho, alguns dos quais foram contornados mais satisfatoriamente, outros, nem tanto.

Quando me propus a estudar o movimento negro, já tinha algum conhecimento da imprensa negra através de trabalhos de outros estudiosos como Florestan Fernandes, Miriam Ferrrara e, deste modo, sabia que este veículo seria uma fonte importante para compreendê-lo, por condensar o pensamento de lideranças significativas do movimento. No estudo, entretanto, não me restringi

* Trabalho apresentado no G.T. "Etnia e comunicação", Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - INTERCOM, Londrina, set.de 1996.

** Do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas.

apenas a esta fonte, embora ela tenha sido uma das mais importantes, mesmo porque, dado o objetivo do trabalho - compreender o movimento desde o início do século¹ - muitos dos que nele se engajaram já não podiam ser encontrados, restando-me tomar conhecimento das suas idéias através do que escreveram. E, nesse sentido, a imprensa foi uma das vias de que pude me valer para tomar contato com o movimento negro.

A minha intenção inicial era estudar o movimento sob a perspectiva da educação, ou seja, pretendia focalizar no processo de mobilização do negro a sua luta e as suas reivindicações no campo da educação, aspecto que conhecia mais de perto em função de trabalho realizado anteriormente². No entanto, a medida que fui tomando contato com a imprensa negra, deparei-me com uma luta realizada num contexto de grandes dificuldades, carregada de ambigüidades, uma luta que se configurava em função de um processo de conscientização por parte do negro a respeito dos seus problemas nos campos social, político e moral, contexto, no qual a preocupação com a educação consistia apenas um dos aspectos. Através desse material, por sua vez, pude perceber que esse processo, ao mesmo tempo que era mediado pelos acontecimentos políticos e sociais da sociedade abrangente, também influenciava a maneira pela qual o negro passava a se ver e a se identificar enquanto negro. Por outro lado, a medida que esse processo de identificação vai se configurando, o negro volta-se para a sua realidade, isto é, para os seus problemas e para o meio que o circunda com uma outra perspectiva, em que o

¹ Este objetivo, de um certo modo, também se consubstanciou através dos trabalhos dos autores citados, que mostraram a importância do movimento nas primeiras décadas do século, na cidade de São Paulo.

² Trata-se de um trabalho realizado em parceria com Fúlvia Rosemberg e Esmeralda V. Negrão, sobre a situação educacional do segmento negro no Estado de São Paulo, que resultou no relatório “Fundação Carlos Chagas. Diagnóstico da situação educacional de negros (pretos e pardos) no Estado de São Paulo. 2v. São Paulo, 1986”.

político começa a desempenhar um papel cada vez mais preponderante e em que se percebe o esforço de utilizar a etnia como elemento organizador e articulador do movimento. Foi, portanto, essa riqueza de acontecimentos que esse material me descortinou que me fez mudar de idéia e tentar captar essa luta numa dimensão mais ampla do que a prevista inicialmente, uma visão em profundidade, que contemplasse todas essas particularidades e, ao mesmo tempo, desse conta da sua especificidade enquanto movimento que se organiza em torno da “raça”/ etnia.

É importante ressaltar, entretanto, que a despeito do peso do material empírico nos rumos da pesquisa, no direcionamento da análise, e na interpretação que se fez do mesmo, sempre procurei manter um diálogo constante com as teorias sobre movimentos sociais e os estudos de movimentos sociais específicos no sentido de buscar subsídios para interpretá-lo. Portanto, o empírico foi determinante e, ao mesmo tempo, determinado, a medida que direcionou a análise mas nunca deixou de ser interpretado em função do teórico. E, sem sombra de dúvida, foi através das reflexões teóricas que pude perceber a importância da etnia como elemento organizador do movimento e que pude delimitar o que estava entendendo por movimento negro neste trabalho, ou seja, o conjunto de iniciativas de natureza política (*strictu sensu*), cultural, educacional ou de qualquer outro tipo que o negro vem tomando com o objetivo deliberado de lutar pela população negra e, no limite, se impor enquanto grupo étnico na sociedade, independentemente da estratégia utilizada nesta luta. É, portanto, uma concepção que enfatiza sobretudo o objetivo das ações empreendidas pelo negro, para considerá-las como movimento social, sejam elas ações de caráter cultural, social e político, o essencial é que sejam praticadas com a finalidade de lutar pelo negro

enquanto segmento específico da nossa população. Nesse sentido, se distingue de outras concepções mais abrangentes que identificam uma ampla gama de atividades desenvolvidas pelo negro, como expressão do movimento negro. A concepção de Moura (1983), por exemplo, enquadra-se nessa categoria.

Por outro lado, dada a amplitude espacial e temporal do objeto a ser estudado e, conseqüentemente, da impossibilidade de abranger a totalidade das iniciativas que o negro vem tomando nesta sua luta, foi necessário delimitá-la no tempo e no espaço. Assim, o trabalho focalizou e comparou dois momentos da luta do negro na cidade de São Paulo: o período que se inicia no começo do século e vai até 1937, quando se extingue a Frente Negra, e o período que se estende de meados da década de 70 até o início dos anos 80, momento em que adquire expressão o Movimento Negro Unificado.

O TRATAMENTO DOS DADOS

Os jornais da imprensa negra analisados para o período que se estende de 1900 a 1937, somaram 19 títulos e 225 exemplares. Para o período entre 1974 e 1981, 7 títulos e 25 exemplares.

A metodologia empregada para analisá-los foi uma adaptação da análise de conteúdo³, a qual, em função das suas exigências de sistematização,

³ Na verdade, não existe uma técnica de análise de conteúdo e, sim, técnicas de análise de conteúdo, a ponto de Bardin (1977, p. 31) considerá-la como um instrumento “marcado por grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.”. O objetivo de quem usa a análise de conteúdo é o de ir além de uma leitura impressionística da mensagem e, neste sentido, poder compartilhar a sua visão com outrem. Mas, em geral, aqueles que empregam a análise de conteúdo procuram também captar significados da mensagem não explícitos à primeira vista. De qualquer modo, o objetivo que se tem em mente, é que vai determinar o processo de leitura da mensagem, enfim, a maneira de coletar o dado, pois como afirma Bardin (1977, p. 31) nada é pronto na análise de conteúdo e, a despeito de algumas regras básicas, ela tem que se adequar ao que se pretende da mensagem. Pode ser simplesmente fazer uma leitura sistemática e organizada de um texto, ou pode-se ter como objetivo captar sentidos do texto que não estão

objetividade e exaustibilidade no processo de coleta do dado, garante de um certo modo que a análise não se transforme num mero exercício projetivo ou numa simples confirmação de hipóteses pré-concebidas.

Para que essas exigências sejam atendidas é necessário definir previamente, o aspecto ou aspectos da mensagem que serão selecionados para análise - **a(s) unidade(s) de análise**; a parte ou partes da mensagem que serão consideradas para caracterizar a(s) unidade(s) de análise - **a(s) unidade(s) de contexto**; as dimensões através das quais a(s) unidade(s) de análise será(ão) considerada (s) - **as categorias de análise**.

Tendo em vista o objetivo da pesquisa - compreender como caminhou a luta do negro na cidade de São Paulo - escolhi o tema, ou seja, o que Holsti (1969) define como afirmações, declarações sobre um determinado assunto, como unidade de análise. Faltava definir as categorias de análise e a(s) unidade(s) de contexto.

Quando iniciei a leitura sistemática dos jornais, já tinha em mente alguns temas e algumas dimensões dos mesmos que considerava importantes serem investigadas para caracterizar e entender o movimento negro. Nesse sentido, interessava-me conhecer as inquietações do negro na área da educação, o seu posicionamento político, a maneira como se via, como analisava a sua situação na sociedade. A medida que fui me familiarizando com o conteúdo dos jornais fui detectando novos temas, explicitando melhor as dimensões sob

dados a priori e que somente após a decodificação da mensagem, da comparação e relativização dos seus diversos aspectos, bem como da maneira como se relacionam e se inserem no todo é que se consegue explicitá-lo. Bardin (1977) explica isso muito bem ao afirmar que a leitura do conteúdo efetuada pelo analista, não é, ou não é unicamente, uma leitura ao pé da letra, mas tem antes de tudo, o objetivo de evidenciar um sentido que se encontra em segundo plano. “Não se trata de atravessar significantes para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros ‘significados’ de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc.” (p. 41). No entanto, descrever conteúdos, explícitos ou não, é apenas uma etapa. O interesse último não reside na sua descrição e, sim, no que poderão explicitar em relação a outras coisas. Neste sentido, a análise de conteúdo de uma mensagem, em geral, é utilizada para fazer inferências sobre os seus produtores ou receptores.

as quais poderiam ser abordados, bem como as partes da mensagem em que poderiam estar contidos, ou seja, matérias as mais diversas: artigos, editoriais, crônicas, poesias, contos, poemas, transcrição de artigos de outras fontes, entrevistas, diálogos, anúncios, avisos, notas sociais, notas religiosas. Nesse sentido, todas essas partes da mensagem, ou matérias, constituíram-se nas unidades de contexto utilizadas para coletar as unidades análise. Portanto, a definição dos temas, categorias de análise e partes da mensagem em que estavam contidas foi resultado de um processo prolongado de contato com o material empírico contato este, repito, sempre respaldado por uma preocupação de como interpretar o movimento do ponto de vista teórico, ou seja, no contexto de uma teoria sobre os movimentos sociais.

Esse processo obedeceu a uma sistemática rigorosa. Cada exemplar de jornal foi lido na sua íntegra, obedecendo a cronologia da sua publicação. Neste sentido, foram realizadas as seguintes tarefas:

1. Relação dos exemplares disponíveis de cada título contendo as seguintes informações: data de publicação, nome do editor(es), redator(es), local de publicação e, eventuais mudanças de título.
2. Listagem das matérias de interesse para a pesquisa contendo as seguintes informações: título da matéria, número da página do jornal em que se encontrava, classificação de cada uma em uma ou mais categorias de análise.
3. Com base nessa listagem, efetuou-se um resumo de cada matéria sob a categoria de análise em que ela foi classificada em primeiro lugar, organizando-se, assim, um rol de resumos de uma determinada categoria. Cada matéria resumida nesse rol, continha o seu título, o nome do jornal em que foi publicada, a data e a página, procedimento usado para se voltar ao original no momento da análise. Se essa matéria, por sua vez, merecesse

classificação em outras categorias de análise, anotava-se na relação de cada categoria em que foi também classificada o seu título, jornal em que foi publicada, data de publicação, página e, também, o nome da categoria sob a qual ela foi resumida bem como o número da página onde podia ser encontrada no rol dos resumos daquela categoria. Cada rol de resumos de uma categoria continha, portanto, matérias resumidas e indicações de matérias cujos resumos estavam no rol de outras categorias de análise. Exemplificando, uma matéria classificada em três categorias, **Educação formal e informal; Valores, costumes, comportamentos, atividades filântrópicas e Situação do negro**, era resumida na categoria **Educação formal e informal**, e indicada nas relações das categorias **Costumes, comportamentos, atividades filântrópicas e Situação do negro**. Deste modo, no momento da análise de uma categoria, agrupava-se numa ordem cronológica as matérias resumidas naquela categoria e as matérias que aí se enquadravam mas que foram resumidas em outras categorias, dispondo-se, assim, numa ordem cronológica, de todos os resumos referentes àquela categoria. No caso do exemplo acima, na hora de montar o rol de matérias que se enquadravam na categoria **Educação formal e informal**, agrupava-se todas as matérias resumidas nessa categoria, bem as matérias resumidas em outras categorias, mas que também foram classificadas na categoria **Educação formal e informal**. Somente após montada a relação de todas as matérias de cada categoria é que se procedia propriamente à leitura sistemática para sua análise⁴.

⁴ Para facilitar esse processo todos os resumos foram xerografados. No momento da análise de uma categoria, juntava-se numa ordem cronológica os artigos dos diferentes jornais resumidos dentro daquela categoria ou aí indicadas, embora resumidas em outras categorias. Dependendo dos objetivos, essa montagem poderia agrupar apenas os artigos de um determinado jornal que se enquadravam naquela categoria.

A análise de cada dimensão (categoria de análise) teve como ponto de partida os resumos, mas foi complementada sempre pela consulta aos originais para que não permanecessem dúvidas a respeito do seu significado, das nuances, pontos contraditórios e, principalmente, do contexto em que estava sendo tratada. Nesse momento da consulta aos originais, foram transcritos trechos considerados mais significativos das matérias para ilustrar, ou dar mais força à análise.

Se imaginarmos concretamente esse processo, logo veremos que uma matéria poderia sofrer análise quantas vezes ela foi classificada. Retomando o exemplo acima, a matéria classificada nas categorias **Educação formal e informal; Valores, costumes, comportamentos, atividades filântrópicas e Situação do negro** era lida no mínimo três vezes, ou seja, no momento da análise de cada uma.

Apresento a seguir as categorias de análise sob as quais as matérias foram classificadas, na seguinte seqüência:

1. As que permaneceram idênticas no momento da análise, embora na apresentação do trabalho possam ter sofrido alguma alteração no nome:

Objetivos e organização dos jornais negros - Matérias que informam as finalidades a que se propõe o jornal, sua linha política e ideológica, as estratégias e os meios de que dispunha para a sua organização e manutenção.

Personalidades (históricas e contemporâneas) a que se dá destaque - matérias que tratam de personalidades históricas e/ou pessoas que, naquele momento, se destacavam na vida cultural, econômica e política brasileira ou

de outros países. Procurou-se, captar a postura do jornal perante essas personalidades, sua ligação com o negro ou com questões que lhe diziam respeito. Quando a matéria não trazia a informação da “raça”/cor dessas personalidades, foi feita uma investigação paralela para se obter esse dado, uma vez que era do interesse da pesquisa explicitar o espaço que os jornais davam ao segmento negro.

Valores, moral e bons costumes, atividades filantrópicas - enquadram-se nessa categoria as matérias que tratam de valores, comportamentos, seja para defendê-los, ensiná-los, reprová-los ou para sugerir meios de modificar aqueles considerados inadequados. As matérias que tratam de atividades filantrópicas desenvolvidas pelos negros e suas associações, também foram classificadas sob essa categoria.

Situação do negro - matérias que descrevem ou se referem à situação em que vivia o negro na época, seja do ponto de vista econômico, psicológico, seja quanto às condições de trabalho, moradia, lazer. Procurou-se, sempre que possível, captar a opinião do negro sobre o que estava sendo descrito ou comentado. As sugestões e ações levadas a efeito para modificar a situação do negro também se enquadraram nessa categoria.

Educação formal e informal - matérias que analisam e se posicionam sobre a educação formal e informal do negro (atividades culturais, cursos, palestras, encenação de peças teatrais, recitativos, audições de música) e as que tratam das atividades do negro nesse campo.

Identidade - matérias que procuram ressaltar o negro, elevá-lo, mostrar o seu valor nos diversos campos da atividade humana, as sugestões e as ações desenvolvidas para fortalecer a identidade do negro. Enquadram-se também nessa categoria, os artigos que analisam, de modo crítico, os fatores que concorrem para a afirmação ou deterioração da identidade do negro. Outrossim, procurou-se captar as falas, as ações que podiam indicar a representação que o negro faz de si próprio. É importante ressaltar que essas representações nem sempre estavam explícitas, podendo ser captadas em matérias que não tratavam diretamente a questão.

Preconceito e discriminação - matérias que denunciam as ações discriminatórias contra o negro, posicionam-se a respeito do preconceito e discriminação bem como de suas causas, e/ou procuram apontar medidas para combatê-los.

2. Categorias que, no momento da análise, foram agrupadas em função da sua proximidade temática ou complementaridade:

Acontecimentos históricos (postura)

Acontecimentos históricos (comemorações)

Acontecimentos históricos (descrição)

as quais, devido à sua proximidade temática, foram agrupados sob a categoria

Acontecimentos históricos a que se dá destaque - matérias que descrevem acontecimentos históricos e solenidades organizadas para comemorá-los. O

objetivo principal desta categoria foi o de captar o posicionamento dos jornais sobre esses acontecimentos, o destaque que lhes era atribuído.

União

Conflito

as quais, devido a sua complementaridade, foram agrupadas na categoria

União e conflito - matérias que tratam do posicionamento do negro a respeito da sua união, das ações desenvolvidas com a finalidade de lutar pela mesma, das dificuldades e conflitos que se estabeleceram nas tentativas de se conseguir a união, dos objetivos a serem alcançados através da mesma.

Por outro lado, algumas categorias foram desdobradas em função da sua importância para se conhecer o movimento e os problemas do negro e, também, do espaço que ocupavam dentro dos jornais. Isto ocorreu, por exemplo, com as categorias:

Objetivos, organização e atividades das associações negras - matérias que procuram explicitar os objetivos e as atividades desenvolvidas pelas associações negras, da qual destaquei uma categoria específica para dar conta de uma associação que se notabilizou devido ao seu grau de organização e importância no contexto do movimento, dando origem à categoria:

Frente Negra Brasileira

Posicionamento e envolvimento político do negro - matérias que tratam do posicionamento político e ideológico do negro, das suas composições e conflitos com segmentos políticos da sociedade brasileira, a qual foi desdobrada em três categorias:

O nacionalismo

A oposição ao imigrante: modelo a ser imitado, concorrente a ser repelido

As primeiras incursões do negro na política.

3. Algumas categorias, por sua vez, foram tratadas no contexto de outras categorias já existentes, em função da sua proximidade temática e/ou presença relativamente modesta dentro dos jornais, ou mesmo, ganharam outra terminologia. As seguintes categorias sofreram esse processo no momento da análise:

Vida social, eventos culturais - matérias que descrevem e/ou se posicionam sobre as atividades de lazer do negro, os eventos organizados com essa finalidade pelos negros e suas associações. O objetivo foi o de tentar reconstruir, ainda que parcialmente, a vida social de uma parcela da “comunidade” negra de São Paulo, na época. Do mesmo que nas demais categorias, procurou-se captar também a opinião do negro sobre essas atividades.

África - matérias que tratam da África, dos africanos, da sua história, situação política, econômica e cultural. Sempre que possível, procurou-se captar a postura do negro em relação aos acontecimentos que ocorreram e estavam ocorrendo naquele continente.

A visão do negro sobre a vida nacional - matérias que comentam e/ou se posicionam sobre acontecimentos que ocorreram ou estavam ocorrendo no cenário nacional.

A visão do negro sobre os acontecimentos do cenário nacional que o afetam mais de perto - matérias que tratam de acontecimentos que ocorreram ou estavam ocorrendo no Brasil e que afetam diretamente o negro.

A visão do negro sobre acontecimentos internacionais - matérias que comentam e/ou se posicionam sobre acontecimentos que ocorreram ou estavam ocorrendo no cenário internacional, inclusive política internacional.

A visão do negro sobre acontecimentos do cenário internacional que o afetam mais de perto - matérias que tratam de acontecimentos que ocorreram ou estavam ocorrendo em outros países e que afetam diretamente o negro brasileiro.

Situação do negro em outros países - matérias que tratam da situação do negro em outros países.

A visão do negro sobre o movimento negro internacional - matérias em que o negro se posiciona sobre ações desenvolvidas por negros de outros países com a finalidade de lutar pelos seus direitos.

Visão do branco sobre o negro - artigos que transcrevem e ou se posicionam sobre opiniões desairosas e/ou elogiosas de brancos sobre o segmento negro, seus feitos

A repercussão das ações do negro - matérias que transcrevem opiniões e ou reações dos brancos e negros às atividades do negro no campo cultural, político, social ou discorrem sobre a visão que o negro tem a respeito dessas reações.

EMBATES E “SOLUÇÕES”

Nesta última parte, trato de alguns dos problemas que enfrentei no decorrer da pesquisa, os quais procurei resolver da melhor maneira possível.

1. Na análise, foi atribuído um peso igual aos artigos assinados e não assinados dos jornais. Não pude, portanto, proceder a uma análise mais nuanciada que faria se estivesse pesquisando um jornal com as características de um periódico atual em que encontramos além dos editoriais que, em geral, explicitam a sua linha política e ideológica, artigos assinados que apresentam às vezes opiniões divergentes sobre determinado assunto. A imprensa negra, principalmente a do início do século era feita artesanalmente, por pessoas não profissionais e pouco escolarizadas o que

obviamente não lhes permitia apresentar um produto com nuances desse tipo.

2. Para efeitos da análise e interpretação do conteúdo dos jornais, considere-os como veículos do movimento negro, embora tenha sempre procurado deixar explícito que alguns títulos tratavam com maior profundidade das questões que afetavam o negro, enquanto outros tinham como objetivo principal divulgar notícias sobre a vida social da “comunidade” negra. É importante salientar que mesmo nestes, já se percebe uma preocupação com os problemas que afetam o negro. De qualquer modo, a diferença de abordagem por parte dos jornais revelou-se um dado importante para se entender o movimento, as suas nuances, o curso do seu desenvolvimento.
3. Uma outra questão, que não tive condições de resolver, adveio da falta de informação sobre a “raça”/cor dos colaboradores, portanto, a não ser em casos em que essa condição era explicitada, considere que todas as matérias eram de autoria de negros.
4. Uma outra questão da qual tinha consciência era de que apesar da riqueza da imprensa negra como fonte para se entender o movimento negro, ao priorizá-la, estaria analisando-o da perspectiva das suas lideranças, pois, em geral, são os elementos mais articulados do ponto de vista político e ideológico que atuam numa imprensa com essas características. Essa perspectiva, no entender de estudiosos dos movimentos sociais, é limitada na medida em que o seu estudo não pode se reduzir à visão positivista que

emana do discurso ideológico de seus protagonistas, discurso elaborado por elementos conscientes que guiam a ação das massas (Cardoso, 1983). Para contornar essa questão, procurei destacar os embates, os conflitos e as ambigüidades subjacentes às suas falas, mesmo porque, como interpretei o movimento como uma tentativa de construção de um grupo étnico, estes embates se mostraram importantes para se compreender essa dinâmica. Por outro lado, o trabalho também se apoiou em outras fontes que tinham possibilidade de fornecer outras visões do movimento e, deste modo, acho que consegui relativizar o peso da imprensa negra na sua interpretação. As outras fontes de que me utilizei foram: documentos produzidos por associações negras e por protagonistas ou não do movimento sobre a luta e as questões que afetam o segmento negro na nossa sociedade; obras de militantes negros; obras de autores que estudaram o movimento e a imprensa negra; imprensa regular, tendo em vista o objetivo de captar a repercussão do movimento na sociedade mais abrangente; obras de autores que permitiram compreender os acontecimentos políticos, econômicos e sociais que estavam ocorrendo e, assim, contextualizar o movimento no momento histórico que estava sendo focalizado; obras de autores que trataram de fatos que também eram veiculados na imprensa negra e que me permitiram fazer um contraponto entre as duas fontes; entrevistas com lideranças e, ainda, pessoas que dele participaram mas não tiveram maior expressão dentro do movimento.

5. Finalmente, pelo fato de não ter conseguido localizar todos os números de alguns jornais, sempre que possível, recorri a militantes do movimento para entender acontecimentos, opiniões que em função dessa ausência ou de

outro motivo qualquer, não puderam ser entendidos plenamente através dos jornais. Deste modo, alguns militantes foram entrevistados não só em função da sua militância, mas também pelas informações que puderam complementar o que era lido nos jornais e outros documentos consultados.

BIBLIOGRAFIA

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa : Edições 70, 1977.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. Movimentos sociais urbanos: balanço crítico. In: SORJ, Bernardo, ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de (org.) *Sociedade e política no Brasil pós 64*. São Paulo : Brasiliense, 1983. p. 215-39.

HOLSTI, Ole R. *Content analysis for the social sciences and humanities*. Massachussetts : Addison-Wesley Publishing Company, 1979.

MOURA, Carlos A. Zumbi e o 20 de novembro. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 8/9, p. 13-8, 1983.

PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. São Paulo, 1993. Tese (Dout.), FFLCH, USP/SP.